

ASPECTOS ICÔNICOS EM SINAIS-TERMO DE PLANTAS MEDICINAIS NA LIBRAS

Iconics Aspects in Term-Signs for Medicinal Plants in Brazilian Sign Language

DOI: 10.14393/LL63-v37n2-2021-13

José Marcos Rosendo de Souza^{*}

Izaías Serafim de Lima Neto^{**}

Antônio Luciano Pontes^{***}

RESUMO: A Língua Brasileira de Sinais, Libras, é a língua natural das comunidades surdas brasileiras e reconhecida oficialmente pela Lei nº 10.436/2002. Enquanto língua natural, apresenta especificidades também presentes em línguas orais, como fonologia, morfologia e outras. Seu léxico é diverso e pode ser distribuído em diferentes categorias, como o comum e o especializado. Esse último comporta os itens lexicais das áreas técnico-científicas; logo, torna-se objeto de estudo da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). Essa ciência do léxico percebe os termos enquanto unidades linguísticas – logo, passíveis de diferentes tipos de análise. O objetivo deste trabalho é analisar os aspectos icônicos em sinais-termo da Libras que representam plantas medicinais, registrados no Dicionário de Língua de Sinais do Brasil. Os pressupostos metodológicos são de ordem bibliográfica, pela qual foi desenvolvida a análise descritiva dos sinais-termo. Conclui-se que os sinais-termo apresentam diferentes níveis de iconicidade quando relacionados aos referentes.

PALAVRAS-CHAVE: Motivação. Iconicidade. Libras. Sinais-termo. Plantas medicinais.

ABSTRACT: The Brazilian Sign Language, Libras, is the natural language of Brazilian deaf communities and officially recognized by Act No. 10.436/2002. As a natural language, it has specificities also present in oral languages, such as phonology, morphology, and others. Its lexicon is diverse and can be distributed in different categories, such as the common lexicon and the specialized lexicon. The latter comprises the lexical items of the technical-scientific fields, thus becoming the object of study of the Communicative Theory of Terminology (CTT). This science of the lexicon perceives terms as linguistic units, and therefore, subject to different types of analysis. The objective of this article is to analyze the iconic aspects in Libras term-signs that represent medicinal plants as registered in the Brazilian Sign Language Dictionary. The methodological assumptions are bibliographic in nature and provided for the descriptive analysis of the term-signs. It is concluded that the term-signs present different levels of iconicity when related to their referents.

KEYWORDS: Motivation. Iconicity. Libras. Term-signs. Medicinal plants.

^{*} Doutor, Universidade Estadual do Ceará. ORCID: 0000-0002-1876-803X. E-mail jose.marcos(AT)uece.br

^{**} Mestre, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. ORCID: 0000-0003-4020-6487. E-mail: izaiauslima5(AT)gmail.com

^{**} Doutor, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. ORCID: 0000-0003-2091-8161. E-mail: pontes321(AT)hotmail.com

1 Introdução

É sabido que o Brasil apresenta verdadeira diversidade linguística, tendo em vista que esse território foi invadido, colonizado e explorado por diferentes povos, além daqueles aqui existentes desde antes do ano de 1.500. Todavia, referimo-nos não apenas à variabilidade da língua oral portuguesa, já que além dessa o Brasil abriga a Língua de Sinais, que hoje é concebida como idioma oficial pela Lei 10.436, de abril de 2020.

Salientamos que não é a referida legislação que lhe atribui estatuto linguístico, mas sim a força do uso por seus falantes, pois estes estão presentes em sociedade desde meados do Século XIX. De acordo com Leite e Quadros (2014), segundo levantamento realizado entre os anos de 1872 e 1920, o Brasil tinha cerca de 26.214 surdos. E acreditamos que esses já utilizam um sistema de comunicação.

Tendo em vista esses pressupostos, a Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, é a língua natural das Comunidades Surdas brasileira e apresenta aspectos que também são identificados em línguas orais, como a fonologia, a morfologia e outras especificidades. Desse modo, há um léxico que permite aos indivíduos realizarem a comunicação em diferentes esferas comunicativas.

Assim, acreditamos que o léxico da Libras é diverso e respeita regras próprias da língua visuoespacial. Todavia, é possível dividi-lo em categorias, pois a língua em si pode ser usada em diferentes contextos comunicativos: do mais comum, no qual a linguagem cotidiana não exige complexidade comunicativa; ao léxico especializado, presente na esfera técnico-científica da linguagem.

Essa esfera comunicativa da comunicação humana comporta os itens lexicais das áreas técnico-científicas, logo, torna-se objeto de estudo da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). Essa ciência do léxico percebe os termos enquanto unidades linguísticas, por isso passíveis de diferentes tipos de análise.

Tal fato nos instigou a desenvolver o presente estudo, o qual tem por objetivo analisar os aspectos icônicos em sinais-termo da Libras que representam plantas medicinais, registrados no Dicionário de Língua de Sinais do Brasil. Salientamos que este texto é um dos resultados encontrados na realização da tese de doutoramento do nosso colaborador José Marcos Rosendo de Souza.

Para fins de sistematização, dividimos este artigo em três tópicos principais: o primeiro comporta as discussões teóricas em torno da questão da iconicidade em línguas naturais, no qual procuramos compreendê-la no caso da Libras; o segundo tópico apresenta os pressupostos metodológicos usados neste trabalho; e o terceiro apresenta os resultados encontrados com esse estudo.

2 Pressupostos teóricos

Como bem mencionamos na introdução desse estudo, a Libras apresenta diferentes níveis linguísticos, a saber: fonológico, morfológico, semântico, pragmático e discursivo. Desse modo, é possível fazer diferentes tipos de análise linguística. Além disso, por ser uma língua natural, ela está presente em diferentes contextos comunicativos: dos mais comuns, aos mais complexos. Logo, temos dois léxicos que podem migrar do léxico comum ao léxico terminológico e vice-versa.

Desse modo, com esse tópico, definimos o que são os sinais-termo dentro da ótica da Terminologia, para que em seguida apresentemos a iconicidade enquanto parte do nível pragmático da Libras e conseqüentemente como aspecto formativo de unidades terminológicas em língua de sinais.

Sendo assim, podemos afirmar que os estudos em terminologias, ou estudos terminológicos se centram em duas grandes vertentes principais, a saber a Teoria Geral da Terminologia (TGT) e a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). A primeira vertente, de acordo com Barros (2004, p. 32), é encabeçada pelo austríaco Eugen Wüster. Ainda segundo a autora

[...] Terminologia como disciplina científica que estuda os termos de uma área de especialidade se dá, mais uma vez, pelas contribuições de especialistas em outras matérias, como Eugen Wüster (1898-1977), engenheiro austríaco que, nos anos de 1930, estabeleceu as bases da chamada Escola Terminológica de Viena e mais tarde elaborou sua Teoria Geral da Terminologia (TGT). (BARROS, 2004, p. 32)

Os postulados desenvolvidos por Eugen Wüster, no campo da Engenharia, permitiram que diretrizes e objetivos da Terminologia fossem construídos, o que deu impulso a pesquisas

nas diferentes áreas do léxico de especialidades e consolidou a TGT, cujo principal ideal era prescrever a uniformização terminológica (KRIEGER; FINATTO, 2017).

Já a segunda vertente, a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), que tem em Maria Teresa Cabré sua principal precursora, apresenta a Terminologia como análoga à TGT. Os princípios pregados pela papisa da Terminologia distanciam-se do ideal monovalente pregado por Eugen Wüster.

Por essa abordagem os itens lexicais próprios das diferentes áreas técnico-científicas podem ser analisados por outros vieses. Segundo Almeida (2003, p. 216) “[...] os objetos terminológicos (conhecimento especializado, textos especializados e unidades terminológicas) devem ser estudados sob três perspectivas: a perspectiva social, a perspectiva cognitiva e a perspectiva linguística”.

Por esse motivo optamos pela TCT, tendo vista que somente uma ciência que enxerga a linguagem de especialidade como poliédrica permitiria abertura para um estudo no campo da língua de sinais. Assim, concordamos com Santiago (2010, p. 398) ao afirmar que a Terminologia tem como objeto central de análise teórica e aplicada, o termo, por admitir que ele é capaz de representar e transmitir conhecimentos especializados.

Logo, a Terminologia possui como objeto de estudo o termo, isto é, o componente do léxico especializado que pode ser definido como terminologias. A função principal da terminologia é representar conhecimentos específicos de áreas científicas, logo são criados para atender as demandas advindas das ciências como: Biologia, Química, Linguística etc. (KRIEGER; FINATTO, 2004).

Sendo assim, se o termo é a unidade lexical das áreas de especialidade em línguas orais, os sinais-termo são terminologias criadas dentro do léxico especializado em Libras, ou qualquer outra língua de sinais. A terminologia sinal-termo é apresentada por Faulstich (2001), dada a necessidade de diferenciar os sinais enquanto componentes do léxico comum, dos sinais-termo, próprios das especialidades.

Sobre o léxico, independentemente de seu campo, ou língua, esse é formulado por princípios próprios do sistema linguístico a qual pertença. Logicamente, por pertencer às áreas técnico-científicas, o léxico especializado apresenta tecnicidade, todavia salientamos que dada

o contato entre áreas, é comum que o léxico especializado penetre as esferas comunicativas comuns.

Logo, a partir do princípio comunicativo apresentado por Cabré (1993), podemos afirmar que as unidades linguísticas, de ambos os campos comunicativos, são produtos da denominação, todavia “[...] uma unidade lexical pode assumir o caráter de termo em função de seu uso em um contexto e situação determinados” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 35), que seriam os diversos campos do conhecimento científico.

Krieger e Finatto (2004, p. 16, *inserção nossa*) ainda afirmam que “[...] os [sinais-]termos compreendem tanto uma dimensão cognitiva, ao expressarem conhecimentos especializados, quanto uma dimensão linguística, tendo em vista que conformam o componente lexical especializado ou temático das línguas.” É pensando na dimensão cognitiva da comunicação humana que agora apresentamos a iconicidade como parte do nível pragmático e como aspecto integrante de unidades terminológicas em Libras.

Para atender ao objetivo desse trabalho, nos respaldamos em duas discussões centrais que norteiam nosso estudo: i) no rol dos pressupostos do Funcionalismo Linguístico nos centramos na iconicidade como parte inerente ao Léxico da Libras; ii) as contribuições de Peirce (1990), ao que cerne aos tipos de iconicidade (imagética, diagramática e metafórica), fundamentam as nossas discussões.

A nível de contextualização, salientamos que os estudos da iconicidade se inserem na ordem da pragmática e por conseguinte esse campo de estudo se centra na corrente linguística do Funcionalismo. Por essa corrente teórica, percebemos as línguas naturais descentralizadas do eixo estrutural do sistema linguístico perpetuado pela obra póstuma de Ferdinand de Saussure (1857-1913). A obra póstuma do suíço abarca uma série de fundamentos, mas sobretudo que a língua é um *Sistema* “[...] um conjunto cujos elementos agrupam-se num todo organizado [...]” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 11).

Ao nos distanciarmos dessa premissa, a língua passa a ser analisada tendo como ponto de partida os contextos de produção, pois sendo um instrumento de comunicação, tal qual postulam Martelotta e Kenedy (2015), ela é uma estrutura modificável e está sujeita às pressões advindas das esferas comunicativas.

E aqui distinguimos duas esferas principais: a de produção linguística comum e a de produção linguística especializada. Desse modo, quando situamos essas esferas comunicativas, também, inerente a elas estão as intenções dos interlocutores, bem como as condições e suportes de produção discursiva que serão impressas no uso da língua, seja ela sinalizada ou oral.

De acordo com Cunha (2011), essa vertente dos estudos linguísticos tende a realizar a análise linguística tomando como norte parâmetros *pragmáticos* e *discursivos*, advindos principalmente das contribuições de Dwight Bolinger, o qual apresentou a seguinte discussão: “[...] fatores pragmáticos operavam em determinados fenômenos linguísticos estudados pelos estruturalistas e gerativista.” (CUNHA, 2011, p. 163).

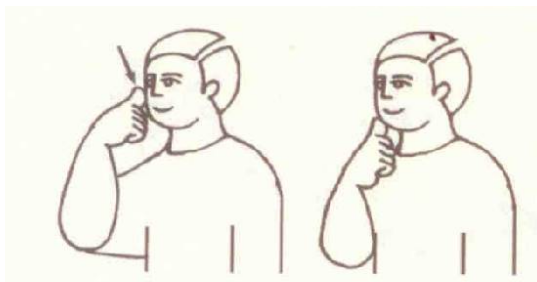
Assim, tendo em vista o que propusemos, dentro das especificidades da pragmática, optamos pela categoria *iconicidade*. Aspecto presente na grande maioria das línguas naturais, o qual também se encontra na produção linguística em Libras. Acreditamos que o signo nessa língua recebe influência do contexto comunicativo e das percepções do falante, as quais são depositadas na cognição e se instaurando na estrutura dos sinais.

Cunha, Costa e Cezario (2003) afirmam que as tentativas de explicar a questão da iconicidade e principalmente a relação de representação entre língua e realidade desarmilha desde o período da Antiguidade, principalmente, quando se referem às questões de motivação linguística. Isso é ratificado por Wilson e Martelotta (2011, p. 71) ao situarem o posicionamento de Crátilo, pois para esse “[...] a língua é o espelho do mundo, o que significa que existe relação natural e, portanto, similar ou icônica entre os elementos da língua e os seres por eles representados.

Isso ocorre porque o signo não opera isoladamente, mas dentro de uma cadeia de troca de significados que é a linguagem usada no meio social (FUZER; CABRAL, 2014), logo a existência dele não é independente, seja na Libras ou nas Línguas Orais, o signo linguístico é motivado e conseqüentemente apresenta diferentes graus de iconicidade.

No caso da Libras, algumas unidades lexicais mantêm padrão icônico mesmo depois de passados séculos de seu registro, como é o caso do sinal MULHER, na Figura 1. Esse sinal foi registrado inicialmente por Michel de L'Épée e sua motivação é a mesma: o corte de cabelo feminino parisiense, no século XVIII (BATTISON, 1974).

Figura 1: Sinal para palavra MULHER



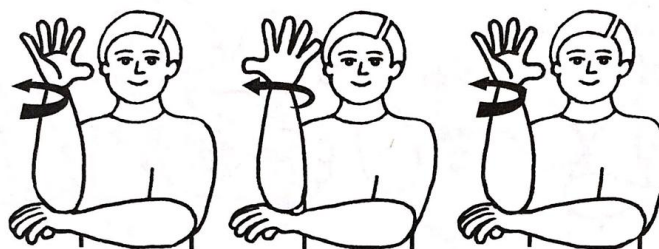
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1907).

Sobre motivação, Wilson e Martelotta (2011, p.75, *grifo dos autores*) a explicam como “[...] a relação de necessidade estabelecida entre uma palavra e seu sentido ou, [...] como um fenômeno característico de determinadas palavras que refletem um *motivo* para assumirem uma forma em vez de outra”. Logo, a motivação pode ser de diferentes ordens:

- a motivação fonética: seria o caso das onomatopeias;
- a motivação morfológica: quando relacionadas aos processos de formação de palavras;
- e a motivação semântica: relacionam-se aos processos análogos e associados aos sentidos das palavras.

No léxico da Libras também é possível encontrar essas motivações, tendo em vista que a iconicidade parece ser um princípio das línguas naturais. Podemos destacar a motivação morfológica e a semântica para os seguintes sinais: SENTAR – é motivado pelo sinal CADEIRA, distinguindo-se pela duplicação do movimento; e o sinal ÁRVORE – motivado pela aparência de uma árvore, conforme a Figura 2:

Figura 2: Sinal para palavra árvore



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 279).

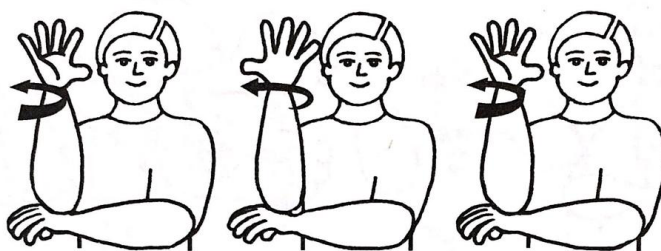
Sobre a relação icônica entre signo e o referente, Quadros (2019, p. 113) afirma que “A iconicidade faz parte das línguas de sinais e permeia todos os níveis linguísticos de seu estudo. percebemos tratar-se de um fenômeno bastante produtivo, que evoca os eventos de forma altamente motivada”.

Logo, inferimos que isso está atrelado ao modo como o homem conceitualiza o mundo, pois sua percepção permite que a realidade seja categorizada lexicalmente. Todavia, de acordo com Quadros (2019), essa noção também está atrelada fator cultural, pois os grupos linguísticos podem selecionar aspectos específicos que lembrem o sentido dos sinais.

Desse modo, a bagagem cultural do falante propicia diferentes percepções sobre um mesmo referente, o que explicaria a opacidade de alguns sinais icônicos quando comparados ao objeto a que se refere. É onde podemos evidenciar o conceito de iconicidade apresentado por Peirce (1990), pois a depender da opacidade da iconicidade, podemos classificá-la em três tipologias distintas: *imagética*, *diagramática* e *metafórica*.

a) *Imagética* – são signos de natureza mais simples, tendo em vista que por serem imagéticos reproduzem o todo do referente. A exemplo dessa tipologia a Figura 3 apresenta o sinal que se refere a árvore:

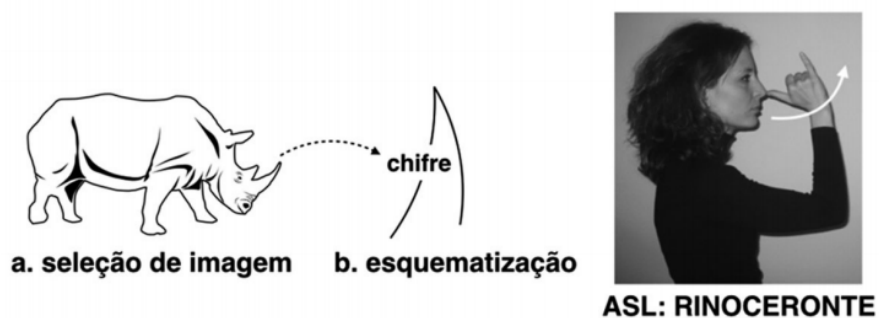
Figura 3: Sinal para palavra ÁRVORE



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 279).

b) *Diagramática* – ocorre nos signos que são construídos através de relações análogas a seus referentes, logo representam apenas parte deles (PEIRCE, 1990). No léxico da Libras é possível identificar sinais que fazem uso de diagramas em sua constituição, conforme Figura 4.

Figura 4 – Sinal para palavra rinoceronte¹



Fonte: Mertzani (2018, p. 618).

A partir desse pressuposto, convém ressaltar que a Iconicidade Diagramática, na língua de sinais, tende a revelar a opacidade entre a forma linguística e o referente. Pois, de acordo com Amaral Jeremias (2018), nesse caso a iconicidade não é tão explícita quanto a Imagética e requer um nível de interpretação mais aguçado para que se compreenda a relação forma e significado.

c) *Metafórica* – “[...] representam o caráter representativo de um representâmen através da representação de um paralelismo com alguma outra coisa [...]” (PEIRCE, 1990, p. 64).

Ao relacionarmos isso aos pressupostos teóricos de Quadros (2019, p. 114), percebemos que o processo de formação de sinais a partir dessas tipologias envolve “[...] uma estrutura de mapeamentos da forma e do referente [...]”, pela qual ou se extrai uma imagem completa, ou partes do objeto, daí o que Peirce (1990) classifica como imagem e diagrama.

É importante perceber a iconicidade pelo viés cognitivo, tendo em vista que por esse princípio ela se apresenta com a mesma intensidade que nas línguas faladas, ou de acordo com Wilcox (2004, p. 121, tradução nossa) “[...] na verdade, como os movimentos visíveis das mãos têm ainda mais potencial semiótico do que os movimentos predominantemente invisíveis dos articuladores do trato vocal, as línguas sinalizadas são ainda mais ricamente icônicas do que as línguas faladas²”

¹ Salientamos que esse Sinal também é encontrado no léxico da Libras.

² “Because visible movements of hands have even more semiotic potential than the predominantly invisible movements of vocal tract articulators, signed languages are even more richly iconic than spoken languages.” (WILCOX, 2004, p. 121)

Sendo assim, a partir da apresentação dos teóricos que embasam esse estudo, podemos inferir que a iconicidade é a relação, construída cognitivamente, entre referente e forma linguística. Todavia, convém ressaltar que dada a proximidade entre falantes, os signos linguísticos primeiramente são construídos individualmente e posteriormente no coletivo, permitindo que a iconicidade se manifeste em diferentes níveis. Percebemos essa relação no tópico de análise.

3 Metodologia

Apresentada a fundamentação teórica que sustenta nossas discussões, pretendemos com esse tópico apresentar a metodologia e o procedimento analítico usado em nesse trabalho. Para tanto, adotamos a pesquisa bibliográfica, pois essa nos permite a apropriação de diferentes discussões científicas para realizar o objetivo pretendido (MARQUES, 2006).

Em seguida selecionamos o nosso *corpus* de pesquisa, o qual comporta o objeto a ser estudado, por isso selecionamos o Dicionário de Língua de Sinais do Brasil (DLSB) (CAPOVILLA *et al*, 2017). Esse compêndio é um dos poucos dicionários que reúne o registro de diferentes unidades linguísticas do léxico da Libras. Por fazer o registro do léxico geral, é possível encontrar nele terminologias de diferentes campos científicos, como o das Plantas Medicinais.

Assim, selecionamos cinco sinais-termo, dado o limite estabelecido nas diretrizes desse periódico, que representam plantas medicinais no repertório lexical terminológico daquele campo científico. As unidades terminológicas foram escolhidas como representação de plantas que apresentam propriedade curativa, segundo Grandi (2014). Os sinais-termo foram submetidos à análise com base no Diagrama Analógico de Taub (2004) e no princípio de Marcação de Givón (2001).

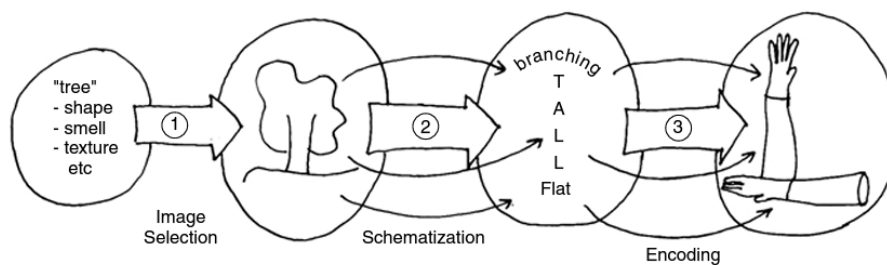
Para Taub (2004), as relações de iconicidade não são tão simples, tendo em vista que é um processo, pelo qual os recursos fonéticos da língua se adequam analogicamente à imagem do referente. Logo, os recursos icônicos em pregados na constituição do signo linguístico estão relacionados à Iconicidade Cognitiva, os quais demonstram produtividade na criação de sinais-termo (LEITE, 2008; CERQUEIRA; TEIXEIRA, 2016).

Com base nisso, Taub (2004) apresenta o Modelo de Construção Analógica, que comporta três etapas que antecedem a formação de sinais, a saber: *seleção de imagem, esquematização e codificação*.

- a) a *seleção de imagem* – de acordo com Taub (2004), nessa etapa entra em voga o elemento protótipo, que irá representar as diferentes manifestações de um mesmo objeto. Por exemplo, árvore: esse objeto está na realidade comunicativa em diferentes tamanhos e formas, mas elege-se um elemento que o representa cognitivamente. A autora ainda afirma que a seleção de imagem apresenta uma relação direta com o conhecimento enciclopédico do falante, tendo em vista que em seu arcabouço cognitivo estarão armazenadas uma gama de conhecimentos sensoriais acerca dos objetos da realidade;
- b) a *esquematização* – Taub (2004) afirma que nessa segunda etapa do processo, dado o nível de complexidade, o falante é guiado pelos recursos fonéticos da língua, isto é, o sistema impõe regras de construção para o sinal que advém de restrições dos sistemas perceptivos e cognitivos. Sendo assim, no caso do sinal ÁRVORE os detalhes mais profundos como textura das folhas e densidade do tronco são perdidos para dar espaço para uma imagem mais genérica e passível de construção pelo sistema da língua;
- c) a *codificação* – Taub (2004) afirma que nessa etapa é realizada uma certificação pelo falante, pois é verificado se parte do esquema construído pode ser substituído e preservar a estrutura da imagem original. As partes do referente presentes no esquema serão substituídas por material fonológico, o que materializará linguisticamente. Para autora, isso não resultará no sinal icônico, mas haverá um emparelhamento linguístico icônico. Acreditamos haver essa distinção entre o emparelhamento e a forma icônica propriamente dita, tendo em vista que nos postulados da autora essa relação de um-para-um é revogada.

O Modelo de Construção Analógica de Taub (2004) pode ser visualizado na Figura 5, a seguir. Nele é possível perceber o processo de emparelhamento linguístico icônico do sinal ÁRVORE:

Figura 5 – Construção Analógica de Taub (2004)



Fonte: Taub (2004, p. 44)

Com os postulados de Taub (2004), percebemos que o seu Diagrama Analógico apresenta aplicabilidade na análise e segmentação de sinais icônicos do tipo Imagético, isto é, esses sinais são mais simples do ponto de vista fonológico e morfológico, pois são produzidos quase como réplicas do referente. Para suprir essa lacuna, apresentamos aqui o princípio de *Marcação*, desenvolvido por Givón (2001).

Para tanto, o princípio de marcação desenvolvido pelo teórico é apresentado em três critérios que distinguem categorias marcadas e categorias não-marcadas: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva, as quais podem ser definidas do seguinte modo:

- a) Complexidade Estrutural: a estrutura marcada apresenta-se mais complexa estruturalmente quando comparadas com estruturas não-marcadas;
- b) Distribuição de Frequência: a estrutura marcada mostra-se em menor frequência, do que a estrutura não-marcada;
- c) Complexidade Cognitiva: a estrutura marcada é mais complexa cognitivamente, do que a estrutura não-marcada.

Então, a partir das proposições de Givón (2001) é possível perceber que o Diagrama Analógico de Taub (2004) reflete estruturas não-marcadas, dada a natureza icônica que pode ser apresentada com uso daquele diagrama. Logo, ao trazermos o princípio de marcação podemos identificar os sinais com maior marcação e analisá-los consistentemente.

Então, pensamos nas seguintes classificações quanto ao processo de construção de terminologia em Libras, os quais constituirão os resultados encontrados:

- *Diagramática*: esse processo ocorre quando é processado apenas parte do referente na base cognitiva;

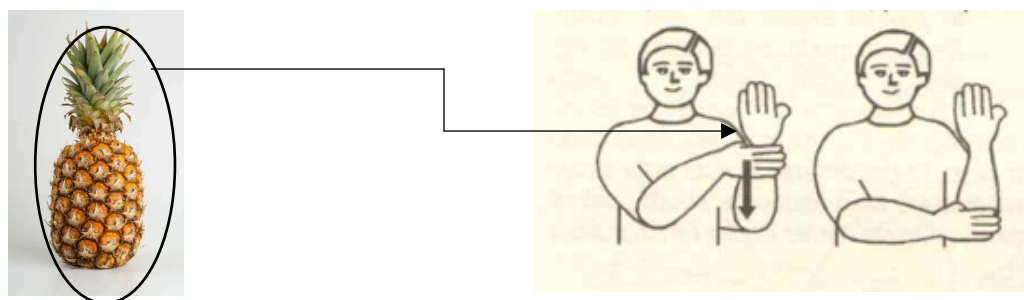
- *Imagética*: ocorre quando o todo do referente é transferido para a codificação do sinal-termo;
- *Icônico (∅)*: esse tipo ocorre quando o falante utiliza informações contextuais para construir o signo linguístico, como a origem geográfica do referente, ou informações que só podem ser coletadas a partir do conhecimento sobre o objeto a ser representado lexicalmente, como ardência ou sonolência causadas pelo consumo de determinada planta.

4 Resultados

Expusemos anteriormente que o DLSB é um dicionário que tem por objetivo registrar o léxico da Libras, desse modo ele apresenta repertório lexical de diferentes campos científicos. Então, é possível identificar sinais, sinais-termo e fraseologias, os quais podem estar presentes tanto no léxico comum quanto no léxico técnico-científico.

Dada essa variedade no repertório lexical, foram selecionados três sinais-termo que têm por referente as Plantas Medicinais “abacaxi”, “acerola” e “alho”. Salientamos que há outras terminologias desse campo científico, mas nos detemos apenas a essas por considerá-las suficientes ao objetivo proposto. Ademais, outros sinais-termo foram analisados na tese do colaborador. Assim, iniciamos a análise com a terminologia em Libras abacaxi, sinalizada nos estados brasileiros da Bahia, Pará e Rio Grande do Sul, a partir da qual percebemos que esse sinal-termo passa a ser compreendido como um interpretante, tendo em vista que é uma interpretação de um falante, construído justamente a partir de uma relação icônica *imagética*, pois há a transferência do objeto para o sistema linguístico, conforme é possível perceber na Figura 6.

Figura 6: Diagrama analítico do sinal-termo abacaxi



Fonte: escola.britannica.com.br

Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 48)

O diagrama comporta o processamento das informações captadas a partir da relação entre falante, objeto e contexto comunicativo. De modo mais explícito, podemos observar a transferência de informações do referente para a unidade terminológica, a partir do estágio em que ocorre a *seleção de imagem*.

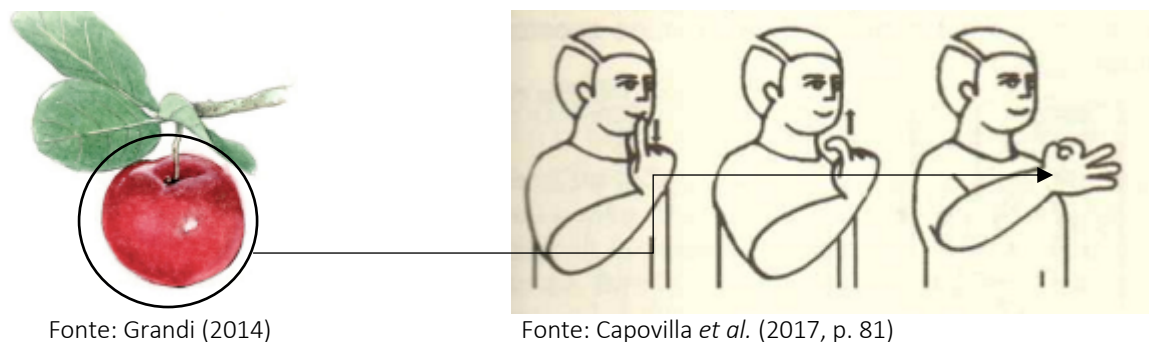
É nesse primeiro estágio que se seleciona uma representação, do referente, dentre aquelas disponíveis no repertório de conhecimentos do falante. Então, no sinal-termo que representa o abacaxi se sobressaem detalhes como a coroa do fruto e a ação de descascar. Esses detalhes acabam comportando parte da *esquematisação* do sinal-termo.

Essas informações são alocadas no corpo do sinalizante, a partir das regras fonológicas da própria língua, o que é compreendido como o último estágio – a *codificação* – que antecede a materialidade linguística. Nesse estágio, há uma espécie de verificação e testagem, isto é, o falante seleciona traços linguísticos que substituirão as informações que se sobressaíram na esquematização e no caso do sinal-termo ABACAXI.

Esse processo é puramente cognitivo, pois o falante parte de um nível mais abstrato para dar lugar a concretização do signo linguístico, pelo qual podemos perceber que além de fazer uso da imagem como um todo, ainda lhe acrescido um classificador instrumental, quando a mão direita desliza por sobre o antebraço esquerdo, imitando a ação de descascar o fruto.

Esse aspecto icônico aparece de modo distintivo na terminologia em Libras que se refere à fruta acerola, sinalizada no estado do Ceará, tendo em vista que possivelmente o falante faz uso apenas de parte do referente, ao que se refere a sua forma arredondada, conforme pode ser visto na Figura 7:

Figura 7: Diagrama analítico do sinal-termo abacaxi



O diagrama é semelhante ao anterior, mas nele podemos perceber que o falante mapeia o referente, de modo a extrair dele apenas sua forma arredonda e coloração. Assim, *seleciona uma imagem* que se convencionou culturalmente como modelo representacional da acerola. Em seguida é traçada a *esquematisação*, pela qual se sobressaem as informações mais relevantes relacionadas à fruta, que são a cor avermelhada e o seu formato arredondado.

Salientamos que na esquematização são movidos diferentes tipos de conhecimentos, inclusive, advindos de outros campos lexicais. Por isso, para a construção do sinal-termo ACEROLA há uma informação que antecede ao conhecimento das plantas, que é o das cores, então de posse disso o falante o aplica na construção de outros sinais.

Em seguida, a partir da esquematização o falante dá início à etapa de *codificação*, na qual se estabilizam as normas da língua, pois a produção linguística leva em consideração justamente o conhecimento dessas normas para construção do signo: há a adequação dos parâmetros fonológicos que melhor se adequam a representação do referente.

A partir desse processo formativo foi possível perceber a natureza icônica desse sinal-termo, pois ele reflete partes do referente. Sendo assim, compreendemos esse processo de construção como diagramática, o qual é realizado com auxílio de classificador descritivo que representa a forma arredondada.

Outro aspecto icônico identificado nas terminologias em análise, é o que se refere a iconicidade construída a partir de informações externas ao referente, isto é, são conhecimentos que se relacionam ao uso, advindos justamente do contato do falante com o objeto a ser categorizado alho. A terminologia alho sinalizada no estado do Ceará e Minas Gerais, presente na Figura 8.

Figura 8: Diagrama analítico do sinal-termo agrião



Fonte: Grandi (2014)



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 158).

A partir do diagrama da Figura 8 podemos perceber que não há transferência de informações diretas do referente, tendo em vista que a materialidade linguística não apresenta relação entre forma linguística e referente. Desse modo, a seleção de imagem traz o conhecimento sobre a planta – hortaliça usada para diferentes fins, principalmente, culinário.

Todavia, é na etapa da esquematização que se sobressaem os aspectos que deveriam ser representados na materialização, isto é, nessa etapa o falante extrai as características que são salientes no referente, mas podemos perceber no diagrama que essas apontam não diretamente para a planta, como ocorre em outras terminologias analisadas anteriores.

O que está em evidência é a ação, o ato de amassar o alho para determinado preparo. Logo, temos uma terminologia com aspecto Icônico (\emptyset), já que as referências para construção terminológica são externas ao referente. Desse modo, a iconicidade aparece em diferentes níveis em cada terminologia analisada nesse artigo e em outras que são registradas no DLSB.

Quanto ao princípio de marcação, postulado por Givón (2001), esse nos permite classificar as terminologias a partir de seu nível de iconicidade. Sendo assim, as terminologias do nível imagético são classificadas como não-marcadas, tendo em vista que requer um pouco de esforço cognitivo e estrutural. Logo, elas tendem a ser mais icônicas, como é o caso da terminologia abacaxi em Libras.

As terminologias que apresentam como nível de iconicidade o diagramático e Icônico (\emptyset) tendem a ser menos icônicas, quando relacionadas ao seu referente. Portanto, por esse aspecto elas são classificadas como marcadas, já que requerem mais esforço cognitivo e estrutural para sua construção, como é o caso dos sinais-termo acerola e alho, respectivamente.

5 Considerações finais

O léxico de toda língua natural é vasto e mutável, além de apresentar relação diferente com o contexto em que é produzido. Sendo assim, é possível dividi-lo em léxico comum e léxico terminológico, dado o seu emprego em campos técnico-científicos. Um aspecto presente nesses dois campos comunicativos é a iconicidade.

Por isso, objetivamos com esse artigo analisar os aspectos icônicos em sinais-termo da Libras que representam plantas medicinais, registrados no Dicionário de Língua de Sinais do Brasil. É necessário lembrarmos que essas discussões são parte de um trabalho maior, a tese

de doutorado de um dos nosso colaboradores, logo esse texto não apresenta integralmente nossas discussões.

A partir do trabalho bibliográfico e de análise descritiva é possível afirmar que as terminologias na Libras apresentam diferentes níveis de iconicidade. O que é sabido é que essa é produto das relações culturais entre falante e realidade comunicativa, isto é, os conhecimentos do falante acabam se instaurando no sistema linguístico.

Desse modo, nossa análise permitiu identificar a iconicidade do tipo imagética, a qual está presente na representação inteira do referente, ou seja, durante as experiências de vida do falante, o objeto é transferido com um todo para cognição e posteriormente é integrado ao sistema linguístico. No caso a terminologia abacaxi em Libras apresenta esse tipo de iconicidade.

Já a iconicidade do tipo diagramática ocorre quando a materialidade linguística reflete parte do referente, tendo em vista que a partir da percepção do falante, parte do objeto a ser categorizado cognitivamente é transferido para o sistema linguístico, como é o caso do sinal-termo acerola.

E o aspecto icônico (\emptyset), que está presente nas terminologias que usam conhecimentos relativos ao referente para construção terminológica. Sendo assim, nesse tipo de iconicidade a materialidade linguística não apresenta relação direta com o referente, conforme ocorre com o sinal-termo alho. Esses níveis de iconicidade também nos permitiram inferir sobre o nível de marcação que elas apresentam, por isso, as terminologias que refletem o todo do referente tendem a ser mais icônicas. Logo, quanto mais distante do referente, de modo integral, menos estruturalmente e cognitivamente será.

Referências

ALMEIDA, G. M. de B. O percurso da Terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. **TRADTERMO**, v. 9, p. 211-222, 2003. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2003.49087>

AMARAL JEREMIAS, D. Iconicidade em sentenças transitivas da Libras: uma motivação formal e conceptual. **PERcursos Linguísticos**, v. 8, n. 18, 2018.

BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 5, p. 1-19, 1974.

CABRÉ, M. T. **La terminología**: teoria, metodologia, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CAPOVILLA, C; RAPHAEL, W; TEMOTEO, J. G; MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

CERQUEIRA, I. de F; TEIXEIRA, E. R. O problema da iconicidade na eliciação de sinais caseiros, **Revista Letrando**, v. 4, 2016.

CUNHA, M. A. F; COSTA, M. A; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, M. A. F. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FAULSTICH, E. Aspectos da terminologia geral e terminologia variacionista. **TradTerm**, São Paulo. v.7, n. 1, p.11-40, 2001.

FUZER, C; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

GIVÓN, T. **Sintax**: na introducion. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GRANDI, T. S. M. **Tratado das plantas medicinais**: mineira, nativas e cultivadas. Belo Horizonte: Adaequatio Estúdio, 2014.

KRIEGER, M. da G; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2017.

LEITE, T. de A. **A segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEITE, T. A; QUADROS, R. M. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. *In*: LEITE, T. de A.; QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. (Org.). **Série Estudos de Língua de Sinais**. v. II. Florianópolis: Insular, 2014.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Trad. J. Teixeira Coelho. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

QUADROS, R. M. **Libras**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2019.158823>

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 5. ed. Ijuí: Ed. Unjuí, 2006.

MARTELOTTA, M. E; KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. *In*: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística Funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTIAGO, M. S. Variação denominativa na terminologia médica: o caso da gripe A H1N1. **TRADTERM**, v. 16, p. 397-410, 2010. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2010.46326>

TAUB, S. **Language from the body**: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

WILCOX, S. **Cognitive iconicity**: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. Germany: Walter de Gruyter, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1515/cogl.2004.005>

WILSON, V; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. *In*: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

Recebido em: 26.08.2020

Aprovado em: 23.02.2021